

RUBEM BRAGA

INDÚSTRIAS

NÃO há dúvida: o Brasil tende a ser — e já o é em pequena escala — um fornecedor de produtos industriais de outros países da América do Sul. Há grandes e complicados problemas a enfrentar até que a nossa indústria consiga lutar, nesses mercados, em escala apreciável, com as indústrias norte-americana e européia. Esses problemas só serão realmente enfrentados quando a necessidade de exportar — não apenas para comprar coisas ou fazer divisas, mas para assegurar o próprio ritmo de desenvolvimento da indústria — for mais premente.

Essa premência já começa a existir em alguns setores. Por exemplo: até há pouco o Brasil não produzia máquinas de costura. Com as dificuldades criadas à importação pela carência de divisas, aconteceu que uma fábrica veio se instalar aqui dentro. O mesmo vai acontecendo com outros tipos de máquinas, e é interessante notar que a primeira indústria a emigrar para o Brasil nunca é a norte-americana, mas sempre uma concorrente da Europa. O americano vem depois, e lentamente, no susto de perder definitivamente o mercado; e quase sempre procura obter concessões para a importação de certas peças essenciais durante prazos dilatados para poder fundar a indústria «nacional»; em alguns casos essas propostas são simples, embora hábeis, pretextos para conseguir exportar para o Brasil seus produtos a um câmbio favorável.

No caso, que citei acima, das máquinas de costura, e que parece ter acontecido é que, vendo que ia perder mesmo o mercado, os americanos — para especificar, a Singer — resolveram construir realmente aqui suas prestigiosas máquinas. Ora, o resultado é que estamos com várias fábricas de máquinas de costura. O mercado interno terá capacidade para absorver o produto dessas fábricas? Creio que neste caso, como em outros, a indústria aqui instalada sentirá necessidade de exportar ao menos para os países vizinhos em grau de evolução industrial mais baixo que o nosso (todos, inclusive a Argentina, estão) e que têm falta de divisas fortes.

Não quero ser otimista, mas embora o Brasil hoje não produza um só automóvel 100 por cento brasileiro, dentro de muitos poucos anos precisaremos exportar automóveis, a menos que se discipline a instalação da indústria. Problemas como os de aços especiais e todos os mais que dependem da técnica poderão ser plenamente resolvidos aqui; restarão outros, que tendem a se agravar, como a nossa aparente pobreza no setor de quase todos os metais não ferrosos. O que se gastar na pesquisa e lavra desses metais será dinheiro tão bem gasto como na procura do petróleo. Tive a impressão no Chile de que aquele país está mais adiantado que o nosso na recuperação de certos metais a partir da sucata, como o cobre e o estanho, embora o primeiro seja abundante ali. Isso talvez seja devido ao fato do industrial chileno, graças à tradição da indústria do cobre, estar mais familiarizado que o nosso com os processos electrolíticos.

E para encerrar estas ocasionais digressões de um exadido comercial: depois da difícil mas vitoriosa instalação da indústria de alumínio 100 por cento nacional em São Paulo, não vejo motivo nenhum para entregar a um poderoso grupo norte-americano a energia de Paulo Afonso a baixo preço para que ele se instale ali. Se São Paulo não puder atender a todas as nossas necessidades de alumínio, o próprio capital paulista e brasileiro poderá instalar outra usina no Nordeste, evitando não apenas a evasão de lucros como a possibilidade de perigosas manobras no mercado do produto.